

A barragem de Foz Côa

Fonte: artigos publicados na internet.

José Sócrates assinou o contrato de adjudicação para a construção da barragem do Baixo Sabor. A barragem do Sabor tornou-se mais ou menos inevitável desde que se suspendeu Foz Côa. Na época ninguém fez contas aos custos económicos e ambientais da suspensão da barragem de Foz Côa. Um desses custos está agora aí na construção da barragem do Baixo Sabor e no quase apagamento do que aconteceu em Foz Côa.

Em 1994, com o PS já a cavalgar a onda que levaria Guterres ao poder e mediaticamente aliado a uma esquerda que ditava as regras do bom gosto, transformou-se a questão das gravuras de Foz Côa num cavalo de batalha contra o cavaquismo. Este estava exausto e ninguém foi capaz de defender a barragem e sobretudo de dizer que todo aquele alegado interesse internacional pelas gravuras se esvairia em pouco tempo. Os turistas prometidos nunca apareceram, os arqueólogos levantaram a tenda e partiram para outras cruzadas. Sobraram os portugueses que pagaram o que lá está da barragem, mais as viagens e os trabalhos duns investigadores estrangeiros para que falassem de Foz Côa, mais os filmes que ninguém viu mas “fariam renascer o interesse por Foz Côa” e o museu que depois do falhanço de tudo o mais, esse é que “vai levar gente a Foz Côa”. A quem se pode mandar a conta?

É necessário questionar porque não foi construída a barragem de Foz Côa, que seria uma grande reserva de água em Portugal. Que iria permitir que a enorme quantidade de água do Douro que durante o inverno é desperdiçada para o mar, já que o Douro não dispõe de nenhuma forma de armazenamento, pudesse ser armazenada numa albufeira imensa onde nem sequer há população residente. Agora para remediar estragaram o Tua e o Sabor e o efeito nem se pode comparar. A desculpa na altura foi as gravuras e *uns patetas vagamente intelectuais e vagamente ecologistas. Foram os idiotas úteis e que alegremente se prestaram a esse papel!* Mas a verdadeira razão porque não foi construída esta importantíssima barragem continua a ser um mistério que convinha investigar. Mas uma coisa parece certa: a barragem não convinha nem ao lobby do petróleo!

Isto é lamentável, porque sempre houve excelentes razões para a construção dessa barragem, e essas razões são cada vez mais actuais e cada vez mais excelentes.

De facto, quando as energias fósseis, nomeadamente o petróleo e o gás natural, se tornam cada vez mais escassas e poluentes, aumentam as razões para se recorrer à energia hídrica.

Mas há mais: o surto do aproveitamento de energias renováveis, nomeadamente a eólica, implica uma necessidade cada vez maior de armazenar energia. O vento sopra quando lhe apetece, e não quando nós precisamos de electricidade; é pois necessário sermos capazes de armazenar a electricidade entre os períodos em que o vento sopra com força e os períodos em que nós precisamos dela.

Ora, só há actualmente duas formas de armazenar electricidade. Uma dessas formas, *assaz futurista*, consiste em utilizar a electricidade para comprimir ar em minas subterrâneas. A outra forma, muito mais corrente, consiste em utilizar a electricidade para bombear água para dentro de barragens.

E é para isso que uma barragem com grande capacidade de armazenamento, e situada a montante de um grande conjunto de barragens, como a de Foz Côa, serviria na perfeição.

Temos portanto, efectivamente, que se decidiu preservar as gravuras do Côa no seu local original à custa da destruição de um troço irrecuperável de flora no vale do Sabor, e à custa da eficaz gestão da energia eólica.

Entretanto, depois daquela campanha terrivelmente demagógica das gravuras que não sabem nadar - o que é uma falsidade, pois que as gravuras poderiam ter sido conservadas ex-situ num museu, ou mesmo debaixo da água - há tantas gravuras rupestres debaixo de tantas barragens em Portugal, nos vales do Douro e do Tejo - a **barragem de Foz Côa tornou-se num tabu**. Ninguém ousa falar dela, ninguém ousa dizer que o **assunto deveria ser reconsiderado**, que a decisão do governo Guterres foi um erro, que a barragem de Foz Côa deveria mesmo ser construída.

Veja-se o que os Egípcios fizeram com a barragem do Assuão, deslocando peças de tamanho colossal, para locais seguros e com custos pagos pela da Unesco.

Além das consequências já apontadas, acresce ainda:

Fonte: Correios da Manhã – As previsões apontam 2025 como o ano em que Portugal e Espanha ficam sem água potável...

Sem água potável já em 2025, Portugal e Espanha serão os dois países europeus mais afectados pelo aquecimento global em 2025, ano em que não haverá água potável na Península Ibérica, segundo previsões das Nações Unidas. A escassez dos recursos hídricos, provocada pelo aumento da temperatura, resultado do aquecimento, afectará milhões.

Os sucessivos alertas das Nações Unidas apontam para a necessidade urgente de se duplicarem os esforços para aumentar a poupança de água, com risco de milhões de pessoas sofrerem com falta deste recurso. 'Se todos os países do Mundo deixassem de emitir gases com efeito de estufa, seriam necessários três séculos para a natureza recuperar dos danos sofridos', afirmou o meteorologista Anthímio de Azevedo, baseando-se nas conclusões do Painel Intergovernamental para Alterações Climáticas. O problema de falta de água em Portugal já é uma realidade: 'Não é algo que acontecerá num futuro longínquo. É daqui a 17 anos e provavelmente afectará a maioria dos portugueses.

A explicação, esclarece Anthímio de Azevedo, está no posicionamento do anticiclone dos Açores que tem vindo a mudar a sua localização. 'A tendência é ficar mais a Sudeste, num triângulo formado entre as ilhas Britânicas, Açores e Península Ibérica, bloqueando as superfícies frontais que trazem chuva para Portugal e Espanha', sustenta, acrescentando que o percurso dessas massas de ar será alterado: 'Os países mais afectados serão as ilhas Britânicas, que já estão a ser fustigadas com inundações, e os do Norte da Europa. Quando as massas de água chegarem à Península Ibérica, já vêm sem chuva. '

Na Madeira e no Algarve, já está em prática um mecanismo que poderá ser a solução para o problema da escassez de água potável. As centrais de dessalinização permitem transformar a água salgada do mar em água potável.

Filipe Duarte Santos – **O problema da água é muito grave.** Todos os modelos de alterações climáticas apontam problemas enormes para o Sul da Europa. A tendência para Portugal é a de que os períodos de seca sejam cada vez mais frequentes.

Nota: Quando se iniciou a barragem do Alqueva, também os movimentos ecologistas levantaram não sei quantos problemas. Hoje a barragem é uma bênção para a agricultura e turismo.

Francamente, espero que um dia surja alguém com a coragem e a força necessária para que a barragem venha ainda a ser construída.

Informações colhidas da internet de alguns autores, com algumas pequenas opiniões pessoais.

Gabriel leite, 22-set-15